Globethics Repository



O ocidente imagina a china segundo os seus próprios desejos [The West imagines China according to its own desires]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Xu Dong, Hu
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-13 20:49:21
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163209

Nações Unidas (ONU). Mas, felizmente, a Casa Branca está muito envolvida com o Oriente Médio e apenas pode criticar nosso projeto nuclear e estimular sua imprensa a criar um discurso político negativo sobre o Brasil. É importante que se observe que os EUA não têm mais força para fazerem tudo o que desejam.

***IHU On-Line* - O senhor acredita que "a Europa é o passado, a América, o presente e a China, o futuro", tal como escreveu o jornalista e economista italiano Frederico Rampini, no jornal *La Repubblica*?**
Paulo Vizentini - A afirmação é bem sutil, mas não creio nela no sentido de países ocuparem o comando do mundo. Contudo, concordo se o que ele quis dizer é sobre a "filosofia" que orienta cada um deles. Os EUA, como potência hegemônica, estão voltados para o passado, e serão, futuramente, um bloco regional influente. A Europa está se reforçando, com o euro e sua independência diplomática. Já a China tende a ser a maior economia do mundo, individualmente, e um país poderoso. Mas ela não deseja ser a "sucessora", e sim um pólo de poder num mundo multipolar, regido por uma ONU renovada. Além dos EUA/North Free Trade Agreement (NAFTA) e da União Européia (EU), a Rússia com a Comunidade de Estados Independentes (CEI), o Japão com os Tigres, a China com seus vizinhos, a Índia com a Área de Cooperação Regional da Ásia do Sul (SAARC), a África do Sul com a Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) e o Brasil com o Mercosul e a América do Sul são pólos em afirmação, que estabelecerão redes e sistemas de equilíbrio de poder para um mundo multipolar, tendo a ONU como Fórum político. A "guerra ao terrorismo" apenas enfraquecerá os EUA. O modelo chinês, com inclusão social e um estado desenvolvimentista, também tende a ser o "futuro", para termos um mundo estável. Democracia e meio ambiente são temas em que a China ainda está avançando.

***IHU On-Line* - No plano internacional, a China é uma ameaça ou uma oportunidade?**
Paulo Vizentini - Considerando o que foi dito acima, obviamente a China é uma oportunidade. Mas não se deve ter ilusões de ganhos fáceis, sem esforço. A China soube lidar com a globalização e tirar vantagens, quando ela foi fatal a países socialistas e em desenvolvimento. O positivo é que a China considera o Brasil um parceiro para construir um novo mundo. Então, o que precisamos é pensar grande e deixar de considerar apenas ganhos imediatos. As atuais estruturas internacionais nos são desfavoráveis e precisamos alterá-las, para poder ocupar um lugar relevante no mundo. Potências que desejam manter o sistema mundial como está, não servem como parceiras para um país em desenvolvimento. O que a China oferece é um mundo de poder e prosperidade compartilhados.

"O OCIDENTE IMAGINA A CHINA SEGUNDO OS SEUS PRÓPRIOS DESEJOS"
Entrevista com Hu Xu Dong

*O professor Dr. Hu Xu Dong concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line** por e-mail, respondendo as questões em português. Ele observa que, historicamente, os ocidentais se interessam por aspectos parciais da realidade chinesa, ignorando a sua complexa totalidade. Atualmente, por exemplo, impressionam-se com o desenvolvimento econômico, sem atentar para o embate interno de diversos "discursos" sociais. Professor visitante no Instituto de Letras da UnB, Hu Xu Dong ensina Literatura Comparada e Teoria Literária na Universidade de Beijing. É doutor em Literatura Contemporânea Chinesa pela mesma universidade e também é poeta, tendo publicado três livros de poemas em seu país. A tradução literal dos títulos de dois deles é **Escrevendo perto da água** e **Leite do vento**. Ele relata que a totalidade das editoras chinesas ainda está*

sob o controle do governo, enquanto vigora uma tácita auto-censura entre autores e editores. Teme que a literatura local assuma um perfil demasiadamente mercadológico mas identifica, entre seus patrícios, escritores e poetas de qualidade internacional.

***IHU On-Line* - O escritor Zhang Lun, chinês exilado na França e autor do livro "La vie intellectuelle en Chine", declarou ao jornal italiano La Reppublica que o ocidente teme a China porque nada conhece do seu país. Disse que a China abriga uma complexidade cultural e social que os ocidentais sequer imaginam. E o senhor, tem uma opinião semelhante? O ocidente - e, em especial o Brasil - desconhece a China, de fato?**

Hu Xu Dong - Eu concordo apenas em parte com esse ponto de vista do Zhang Lun. Na China contemporânea, especialmente desde o ano 1979, há fenômenos sociais e culturais bem complexos. Vários ingredientes discursivos (no sentido que Michel Foucault dá à palavra "discurso"), com vários reagentes, vibram e oscilam em uma "proveta" que se chama China. Nela estão, por exemplo, os discursos de modernidade/pós-modernidade ocidental; do nacionalismo jacobino, do marxismo revolucionário; da China antiga e elitista. Dentro da "proveta" China, esses discursos se debatem, entram em conflito, e ninguém sabe o resultado futuro. Desde o final do século XX, o Ocidente está novamente fascinado pela China como um gigante econômico. Algo semelhante ocorreu quando o Ocidente ficou fascinado pelo pensamento antigo da China, na época do esclarecimento, e quanto o Ocidente ficou fascinado pela riqueza do nosso país, na época da colonização. Todas essas fascinações foram fenômenos causados por visões parciais. Como Zhang Lun disse, a complexidade da cultura contemporânea na China não está à mostra, está escondida. Quem não conseguir ver o todo, deixar-se fascinar por fenômenos parciais, provavelmente vai compreender mal a realidade chinesa, vai perder a visão geral. De fato, quase todo mundo ocidental, inclusive o Brasil, sempre imagina a China, segundo os seus próprios desejos. Sobre o interesse pela China que agora acomete o Brasil, quero dizer que a China não se resume a taxas de crescimento econômico, ideogramas utilizados como decoração e outras manifestações culturais vistas parcialmente. Embora, claro, esse tipo de interesse possa ser criativo e resultar em coisas boas.

***IHU On-Line* - A propósito da vida intelectual chinesa, como o senhor a classificaria? Ela está se transformando tão rapidamente quanto a economia chinesa? Qual é o principal meio de comunicação de massa?**

Hu Xu Dong - A vida intelectual na China contemporânea, especialmente a vida do intelectual humanístico, está à margem da sociedade desde os anos 1990. Na China antiga e na época do Mao, intelectuais eram cúmplices do poder político; mas nos anos 1980 (também conhecidos como a "época de liberdade de pensamento"), os intelectuais foram" cúmplices" da população. Desde os anos 1990, quando se acentua a reforma econômica, os intelectuais começaram ser desconsiderados como força política, popular ou mesmo comercial. Ansiosa por desenvolver a economia, à China falta sistema organizacional relevante para apoiar e estimular as ciências humanas e as manifestações artísticas (por exemplo, sistemas de patrocínio, estímulos e premiações, ampliação dos recursos nas universidades). Isso desanima os intelectuais. Mas há um fenômeno novo. Desde o começo deste século XXI, alguns intelectuais começaram a investigar a possibilidade de estabelecer parcerias com empreendimentos voltados à cultura de massas. Quanto ao principal meio de comunicação de massa, acho que é a internet, que, na China, tem uma importância que o Ocidente não pode imaginar. Ela contempla, em grande medida, as necessidades do povo no que se refere à liberdade de manifestação, de expressão.

No ano passado, as forças da voz pública expressas pela internet conseguiram, por exemplo, influenciar o governo a produzir algumas mudanças na constituição.

***IHU On-Line* - Qual é a situação da literatura chinesa? Como ela está sendo influenciada pelas mudanças que ocorrem no país? Que tipo de literatura é praticada? Quais são os principais autores, os temas abordados?**
Hu Xu Dong - A literatura contemporânea na China influenciou muito o povo na formação da sua cognição e da sua imaginação sobre o mundo durante os anos 1980 (especialmente o ano 1985). Popularizou as idéias e as formas relativas à vida ocidental moderna. Mas ainda não tínhamos um mercado maduro de literatura comercial, o terreno da literatura de vanguarda ainda não fora invadido. Depois de 1989, a literatura de vanguarda, que se autodenominava modernista ou pós-modernista, afastou-se da massa, cujo gosto pela leitura passou a ser construído por meio das propagandas dos livros mais vendidos. Ao mesmo tempo, na literatura vanguardista também ocorrem divergências e dilemas. Como lidar com a influência do Ocidente e a tradição chinesa? Como lidar com a crítica, o prazer do texto, como estabelecer um espaço estético comensurável entre a vontade do mercado e a liberdade de criação? Esses são alguns dos maiores dilemas. Além disso, desde o final do século XX, o uso da internet começou a desafiar as regras da sociologia literária e os padrões estéticos. Os novelistas mais famosos na China agora são Yu Hua (em *Viver* e em *História de vender sangue*, com um estilo simples, o autor elevou o sofrimento de pessoas comuns a uma altura de filosofia oriental); Wang An Yi (o romance *Canção de Ódio Eterno* dessa autora mostrou como uma mulher comum de Xangai interpretou a história chinesa no século XX, trabalhando com uma abordagem onde o indivíduo se destaca, privilegiando a microistória à macroistória); Mo Yan (em *Queixada Vermelha,* ele deu dimensões surrealistas às fantasias dos camponeses); Can Xue (autora que sempre mergulha na descrição de pesadelos, como em *Nuvem Velha*) e Han Dong (ele ilumina o cotidiano aborrecido através de uma narração mágica). Os poetas mais famosos são Zang Di (seus poemas representam uma simetria extraordinária entre a imaginação complexa e um contexto histórico também complexo) e Xi Chuan (seus poemas são considerados como um caleidoscópio de metafísica misturado com sabedoria popular).

***IHU On-Line* - Há dados disponíveis sobre o número de editoras e de leitores? Sobre as tiragens? São muitos os analfabetos?**
Hu Xu Dong - As editoras chinesas estão passando por um processo de reforma para se tornarem mais comerciais. É difícil precisar quantas são, nesse momento. Com certeza, todas as editoras ainda são públicas. Para abrir editoras particulares e estrangeiras ainda há obstáculos políticos. Em 2002, o número de livros vendidos foi de sete bilhões de exemplares. Em termos de mercado, isso representou cerca de 5,2 bilhões de dólares. A taxa dos analfabetos é de 11%.

***IHU On-Line* - Há programas governamentais de incentivo à leitura e à publicação de livros? Existe algum tipo de censura?**
Hu Xu Dong - O incentivo à leitura e a publicações por parte do governo chinês é muito fraco, além disso, o pior é que a cultura compreendida pelos intelectuais não é a mesma cultura compreendida pelo governo. No caso da publicação e circulação da literatura vanguardista, praticamente não existem incentivos governamentais. A censura na China é um fenômeno bem interessante. Na verdade, o governo chinês não tem um órgão especial para censurar livros, mas desde a época de Mao, entre os autores e editores, existe um tipo de autocensura. Quase todos autores e editores sabem quais temas são politicamente sensíveis e ninguém quer

abordá-los. Alguns livros foram proibidos depois de publicados por abordar temas políticos ou eróticos, mas ironicamente a proibição sempre funciona como um bom método de promoção. A maioria dos livros proibidos são literariamente de baixa qualidade e conseguem ser bem comercializados no mercado pirata. Mais irônico ainda é que estas obras ruins terminam por conseguir uma boa fama no mundo ocidental, especialmente nos Estados Unidos, beneficiadas pelo que resta da idéia de Guerra Fria. Existem alguns autores astutos que vêm aproveitando este fenômeno e só por isso quebram o acordo tácito representado pela autocensura. Tentar conhecer a China por meio de livros proibidos é um grande mal-entendido.

***IHU On-Line* - Quais os autores chineses (e suas temáticas) que o senhor destaca?**
Hu Xu Dong - Eu sou um poeta. Meu tema de doutorado é sobre poesia contemporânea, por isso eu conheço mais poesia do que prosa. Na área da poesia, eu dou importância à poesia depois dos anos 1990. Ainda que Bei Dao, que influenciou muito os jovens nos anos 1980, seja considerado pelo mundo ocidental como o porta-voz da poesia chinesa e quase tenha ganho o Prêmio Nobel. Considero esse fato, aliás, um exemplo típico do desconhecimento ocidental sobre a complexidade cultural chinesa. Entre os poetas que eu prefiro estão nomes, como Zang Di, Xiao Kai Yu, Zhang Zao, Sun Wen Bo, Xi Chuan, que nasceram nos anos 1960, e poetas como Jiang Tao, Xi Ya Bing, Han Bo, Wang. As obras deles representam uma investigação sincera, partindo das sutilezas do real e chegando às fronteiras possíveis do risco literário. Familiarizados com as tradições poéticas orientais e ocidentais, hábeis no equilíbrio de concepções complicadas vividas pela China contemporânea, eles são poetas que têm a melhor qualidade, em nada inferior a excelentes poetas ocidentais que eu conheço por meio da leitura ou pessoalmente.

***IHU On-Line* - Quanto da literatura brasileira se conhece na China? Há obras literárias brasileiras publicadas?**
Hu Xu Dong - O conhecimento sobre literatura brasileira, entre os intelectuais em geral, é quase zero. Alguns intelectuais da área literária sabem um pouco sobre Jorge Amado, por causa das relações que ele manteve com o Partido Comunista Chinês. Há traduções da obra dele desde a época de Mao. Alguns autores chineses de pouca importância recentemente começaram a conhecer Paulo Coelho, que é da mesma qualidade deles, e é visto como um modelo de globalização e de boas vendas. Alguns intelectuais que se alimentam da literatura estrangeira provavelmente sabem um pouco sobre os poetas brasileiros mais importantes da Semana de Arte Moderna, ou conhecem alguns poetas da segunda geração do modernismo brasileiro, como Carlos Drummond de Andrade ou Vinícius de Moraes, por alguns poemas traduzidos para a língua chinesa, mas ninguém sabe da importância da poesia Concreta no Brasil nem ouve falar disso. Estou traduzindo poemas do João Cabral de Melo Neto. Eu acho que, para todos os poetas chineses que usam ideograma visual como único tipo de sinal de escrever, a investigação visual e metapoética dos irmãos Campos[1] talvez não seja uma coisa nova, mas a sabedoria fria do João Cabral vai funcionar como uma referência, ajudando os poetas chineses a pensar nos recentes dilemas chineses na área de poesia.

[1] Augusto e Haroldo de Campos, poetas concretistas brasileiros. (Nota do ***IHU On-Line***)